

## 5. Imergir-se na vontade de Deus

Visitei recentemente uma monja de 92 anos na Alemanha, condenada a ficar sempre na cama, com o raro nome de Irmã Notburga. Um olhar solar que sempre me faz bem encontrar, quando visito sua comunidade frágil de número e forças, mas acredito que todas as comunidades, mesmo a mais miseráveis, tem um tesouro escondido, pelo qual vale a pena que exista. Irmã Notburga me disse que gostaria de ir para o Céu. Mas depois acrescentou sorrindo: "o importante, porém, é que seja feita a vontade de Deus, como pedimos no Pai Nosso. Me emerjo na vontade de Deus".

Dita por esta monja afundada em seu leito e em sua enfermidade, foi como se esta palavra me alcançasse das profundezas do mistério. Era como estar na beira do oceano, e visse esta monja mergulhar, alegremente, nas profundezas abismais da vontade bondosa do Pai.

Acima de tudo, era evidente que para esta monja, a vontade de Deus não era uma realidade abstrata, uma ideia, um conceito, uma série de preceitos isolados uns dos outros, mas a Realidade, a Realidade *inteira*. E por isso a realidade inteira era algo pessoal, era animada por um Tu, era impregnada de relação, de amor. Não se emerge, não se mergulha nesta realidade como quem se afunda no nada, na anulação do nosso eu, mas como um recém-nascido que mergulha no seio de sua mãe, em total confiança e alegria. Quem mergulha no mar da vontade de Deus não se afoga, mas é como um peixe que se relança na água e quanto mais afunda, mais vive.

Assim, repensando na palavra desta monja anciã – "Me emerjo na vontade de Deus" – encontrei-me entrando na realidade cotidiana com esta consciência, esta hipótese positiva, que tudo para nós é oportunidade e espaço para se imergir na vontade bondosa do Pai, e isto, em vez de mortificar nossa liberdade, a exalta, abre um espaço infinito de expressão, de afirmação. Esta hipótese me lançava na realidade, com um sentimento de simpatia por todos e tudo. Poderia entrar na vida cotidiana desarmado, sem defesa, porque se a realidade é a expressão e lugar para se imergir na vontade de Deus, até o que me parece mais hostil não é negativo, não me ameaça mais, não ameaça o cumprimento real da minha vida, do meu destino, porque a realização do meu destino é que aconteça a vontade de Deus em mim, por mim e através de mim.

Somos, muitas vezes, como peixes que o orgulho do pecado original jogou na beira do mar, e que agora tem medo de deixar-se lançar na água, por Cristo, para recomeçar a viver plenamente. Não é esta a experiência que o sacramento do batismo nos faz?

Jesus no Getsêmani, não se subtraiu da realidade que ameaçava sua vida. Desejou, em vez, entrar também na realidade da tentação, fragilidade e medo humanos diante da morte, e da morte de cruz, para se imergir ainda mais na vontade do Pai, que transfigurou todo o mal da paixão e morte de Cristo, no acontecimento, por excelência, mais positivo e bom da história.

"Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice! Porém, não a minha, mas a vossa vontade! (...) Meu Pai, se este cálice não puder passar sem que eu o beba, seja feita a vossa vontade" (Mt 26,39.42)

"Meu Pai": quanta ternura na relação com o Pai Jesus vive a tentação, angústia e tristeza! A oração para Ele é para deixar emergir no seu coração, em face ao mal que o ameaça, a Realidade da realidade, que é a vontade bondosa do Pai. A oração é o colocar-se diante do Mistério, que remete toda a realidade e história, em sua verdadeira luz. A realidade é deixar-se cumprir a vontade de Deus. Jesus reencontra esta luz até na negatividade absoluta da Cruz, e o seu *Fiat* permite transformar a Cruz na realização total da vontade bondosa do Pai.

O Getsêmani, mesmo na dramaticidade, revela-nos que, para Jesus, a vontade do Pai não era objeto de temor, mas de desejo. Jesus está angustiado, mas não diante da vontade do Pai. Teme a paixão, a morte, a hostilidade dos homens, teme sobretudo a indiferença dos homens à graça da Redenção, que merecerá para todos com o seu sangue. Mas não teme a vontade do Pai, mesmo que seja da vontade do Pai que beba o cálice da paixão. Rezando, transformando a sua angustia em oração, em pedido, Jesus transforma a perspectiva de tudo o que ameaça e destruirá a sua vida, em pedido ardente que tudo aconteça como o Pai deseja. Não diz: "Porém, não a minha, mas a vossa vontade!" com resignação, inclinando a cabeça diante de um triste destino. Diz com desejo, com um desejo profundo, mais profundo dos sentimentos humanos que sente nascer em seu coração. A vontade do Pai para Jesus é sempre uma realização, é sempre o mais positivo que possa acontecer. O cumprir-se da vontade do Pai por Jesus, é a vitória do bem invencível contra todo mal, que Satanás ou os homens possam querer e fazer. Por isso, mesmo exprimindo a angústia que sente dentro de si, Jesus coloca no topo de sua oração o pedido que a vontade do Pai se cumpra. Isto é o que deseja acima de todas as coisas, acima, até mesmo, de sua própria vida.

A oração no Getsêmani é a interpretação correta, também das últimas palavras de Jesus no Evangelho de João: "Tenho sede!" e "Tudo está consumado"(Jo 19,28.30). Jesus tem sede que se cumpra a vontade do Pai. Havia dito após o encontro com a Samaritana, quando seus discípulos insistiam para que saciasse sua fome, com a comida que tinham comprado na cidade: "O meu alimento é fazer a vontade Daquele que me enviou e cumprir a sua obra" (Jo 4,34).

A sede, a fome, o desejo de Cristo é a realização da vontade do Pai. E ao longo de sua missão, Jesus deseja comunicar esta paixão, este anseio aos discípulos e a todos. "Vim lançar fogo na terra; e que mais quero, se já está aceso! Porém, serei batizado com um certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se!"(Lc 12,49-50)